

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL  
TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO

STEPHANY MAYHARA BARROS

PERCEPÇÕES DOS RESIDENTES DO BAIRRO DE CAIOBÁ (MATINHOS-PR)  
EM RELAÇÃO AO TURISMO E AOS TURISTAS E SUA RELAÇÃO COM LUGAR

MATINHOS

2018

STEPHANY MAYHARA BARROS

PERCEPÇÕES DOS RESIDENTES DO BAIRRO DE CAIOBÁ (MATINHOS-PR)  
EM RELAÇÃO AO TURISMO E AOS TURISTAS E SUA RELAÇÃO COM LUGAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da Universidade Federal do Paraná como requisito à obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão de Turismo.

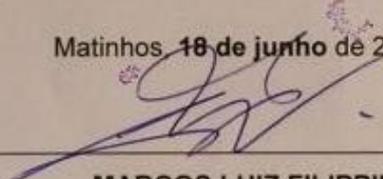
Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Filippim

MATINHOS  
2018

## ATA FINAL DE AVALIAÇÃO DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

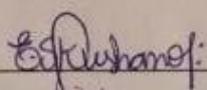
Aos **dezoito** dias do mês **junho** de 2018, às **10h00 (dez)** horas na sala **23A** da UFPR – Setor Litoral reuniu-se a banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso, constituída pelos professores **Dra. Elizabete Sayuri Kushano** e **Dr. Marcelo Chemin**, sob a presidência do professor **Dr. Marcos Luiz Filippim** para a avaliação do Trabalho de Conclusão do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da UFPR de autoria da estudante **Stephany Mayhara Barros**, entitulado: *“Percepções dos Residentes do Bairro de Caiobá (Matinhos-PR) em Relação ao Turismo e aos Turistas e Sua Relação com o Lugar”*. Após a apresentação do trabalho, a banca examinadora reuniu-se e decidiu pela sua APROVAÇÃO (aprovação/reprovação). A estudante deverá efetuar as correções solicitadas pela banca e entregar a versão final impressa em capa dura e digital em CD com arquivo em PDF contendo a inserção da cópia da Ata nas duas versões, conforme normas ABNT, para a Assessoria da Câmara.

Matinhos, **18 de junho** de 2018.

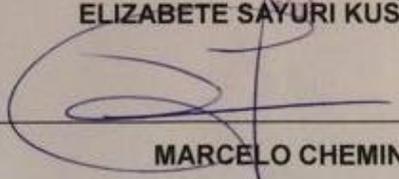


MARCOS LUIZ FILIPPIM

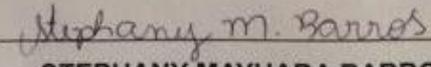
(presidente)



ELIZABETE SAYURI KUSHANO



MARCELO CHEMIN



STEPHANY MAYHARA BARROS

À minha mãe, minha companheira, que sempre permaneceu ao meu lado em  
todas as minhas escolhas e conquistas.

À memória de minha avó Lindamir quem me ensinou o real significado da palavra  
amor.

## **Agradecimentos**

Ao meu orientador, prof. Dr. Marcos Luiz Filippim, por orientar sublimemente meu trabalho e por acreditar nas minhas indagações de pesquisa.

Ao professor Dr. Marcelo Chemin que desempenhou grandiosamente seu papel de tutor, por sempre acreditar no meu potencial e por me mostrar que por mais árduo que seja o caminho quem espera (e planeja) sempre alcança.

Aos colegas e amigos que fiz durante o curso e a estadia em Matinhos, em especial aqueles com quem compartilhei momentos de felicidade e também de angústia e insegurança.

A todas e todos os sujeitos de pesquisa que aceitaram relatar suas perspectivas, me receberam em suas casas e auxiliaram-me a responder às minhas indagações.

Ao Grupo PET Litoral Social que me acolheu e transformou positivamente minha caminhada acadêmica. Auxiliou-me a traçar meus objetivos e me acompanhou no caminho até eles.

“Um bom lugar só se constrói com humildade”

Sabotage

## RESUMO

Matinhos é um dos municípios praiano-turístico que compõem a região do litoral do estado do Paraná. Teve seu povoamento diretamente ligado ao desenvolvimento do turismo, recebendo migrantes de diferentes regiões do Estado, que se instalaram no município em busca de melhorar a qualidade de vida e condição de trabalho. Neste sentido, o presente trabalho buscou analisar o turismo como fenômeno social complexo a partir das percepções dos residentes do Bairro de Caiobá em relação ao turismo e aos turistas e a sua relação com o lugar. Objetivou-se: i) analisar o comportamento dos turistas sob a ótica dos residentes; ii) investigar como a atividade turística é avaliada segundo os residentes; iii) compreender as relações de pertencimento com o lugar; e iv) analisar como o turismo atua na construção da identidade social. A investigação contou com uma metodologia qualitativa, com delineamento estudo de caso. As técnicas para coleta de dados foram entrevistas e caderno de campo. Foram realizadas 6 entrevistas, com duração média de 20 minutos cada coletadas com auxílio de gravador de voz. Os sujeitos de pesquisa foram reunidos a partir da técnica bola de neve. Os resultados apontaram que comportamentos negativos são comuns por parte dos turistas principalmente em aspectos relacionados à perturbação sonora, lixo, educação no trânsito, entre outros. Os relatos demonstraram que esses e outros comportamentos incomodam os residentes, principalmente no período de aumento de fluxo turístico. Em relação ao desenvolvimento da atividade turística, questões como infraestrutura, e a ausência de atividades distintas ao Turismo de Sol e Praia foram diversas vezes citados pelos informantes. Há a percepção de que as antigas temporadas eram mais divertidas justamente por considerarem que os eventos, e a vida noturna ocorriam com maior frequência, conseqüentemente atraindo mais turistas e visitantes que as temporadas atuais. Os relatos indicaram uma diminuição drástica do fluxo de turistas e visitantes comparado com temporadas anteriores. Apesar do desconforto com os efeitos negativos do turismo de massa, sentem-se pertencentes ao lugar onde escolheram para morar não demonstrando aspiração em mudar de cidade. A identidade cultural de uma população sofre transformações à medida em que há contato com outras culturas díspares. Neste sentido, hábitos como, por exemplo, ir à praia em um dia de sol, no verão, tornou-se algo fora da realidade desses moradores.

**Palavras-chave:** Turismo; Fenômeno Social; Relações Sociais; Lugar; Pertencimento.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>BALNEARIZAÇÃO E TURISMO</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>BALNEARIZAÇÃO E TURISMO NO LITORAL DO PARANÁ</b>	<b>13</b>
3.1	HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO INICIAL	13
3.2	USO BALNEÁRIO	14
<b>4</b>	<b>LUGAR E PERTENCIMENTO</b>	<b>19</b>
<b>5</b>	<b>IDENTIDADE</b>	<b>22</b>
<b>6</b>	<b>RELAÇÃO VISITANTES X VISITADOS</b>	<b>24</b>
<b>7</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>26</b>
<b>8</b>	<b>RESULTADOS</b>	<b>27</b>
8.1	PROCESSO DE CHEGADA AO MUNICÍPIO E ADAPTAÇÃO INICIAL	27
8.2	ANÁLISE E PERCEPÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA	28
8.3	COMPORTAMENTOS COMUNS DOS TURISTAS	30
8.4	COMO O TURISMO ATUA NA FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL E AS RELAÇÕES DE PERTENCIMENTO COM O LUGAR	32
8.5	DISCUSSÃO	35
<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>37</b>
<b>10</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>38</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O anseio pela proximidade com o mar teve início na Europa em meados do século XVIII. Os banhos de mar e estar à beira mar eram receitados por médicos com fins terapêuticos e medicinais. Anteriormente a isso, o mar era visto como um lugar desconhecido, inóspito, envolto de mistérios que causava na população medo e repulsa. Alguns relatos da bíblia como, por exemplo, o dilúvio, corroboravam para a formação desses sentimentos (URRY, 2001).

Segundo o Ministério do Turismo o segmento Turismo de Sol e Praia “[...] constitui-se das atividades turísticas relacionadas à recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor (MTur, 2010).” Este segmento está diretamente relacionado ao turismo de massa por agrupar grande quantidade de turistas em uma determinada época do ano, mais especificamente durante os meses de verão, períodos de férias e feriados.

Matinhos integra a região do litoral do Estado do Paraná, teve inicialmente sua formação populacional relacionada ao desenvolvimento do uso balneário e da atividade turística. Os primeiros banhistas chegaram ao município na década de 1920 oriundos de Curitiba e região metropolitana. A partir disso surgiram empreendimentos como vilas balneárias, loteamentos e a construção de infraestruturas que facilitaram o acesso às praias e contribuíram para o crescimento da população (BIGARELLA, 2009; CHEMIN e ABRAHÃO, 2014; SAMPAIO, 2006).

O município passou a ter as orlas de suas praias ocupadas, a partir da década de 1960 quando vivenciou um processo intenso de verticalização do quadro urbano e suas orlas passaram a ser ocupadas por edificações compostas por residências unifamiliares e comércios de pequeno porte. O balneário de Caiobá possui a maior concentração dessas edificações que na maior parte do ano permanecem ociosas, consequência dos efeitos da sazonalidade, característica fortemente vivenciada por municípios que têm como base da economia, o Turismo de Sol e Praia. Como Marco desse processo o Edifício Caiobá teve sua construção finalizada no fim da década de 1960 e possui a mesma denominação que o balneário onde está instalado.

Não há muitos estudos e registros sobre a história e a dinâmica das relações interpessoais que o turismo promove nos municípios balneários do litoral paranaense. O desenvolvimento positivo do turismo alude a uma população residente satisfeita com todos os efeitos que a atividade pode gerar. Diante desta condição, este estudo mostra-se relevante por compreender e analisar como se caracteriza a relação turista *versus*

residente sob a ótica da comunidade receptora respondendo ao problema de pesquisa central: **quais as percepções dos residentes do Bairro Caiobá (Matinhos, PR) em relação ao turismo/turistas e sua relação com o lugar?**

Subsequente a esta indagação central, colocam-se as questões complementares:

- Como é o comportamento dos turistas sob a ótica dos residentes?
- Como os residentes avaliam a atividade turística no município?
- Como o turismo auxilia na construção e transformação da identidade cultural?
- Como os residentes se relacionam com o lugar/território?

A presente pesquisa visa atender os seguintes objetivos:

Compreender as percepções dos residentes do Bairro de Caiobá (Matinhos, PR) em relação ao/aos turismo/turistas e sua relação com o lugar.

Objetivos específicos:

- Investigar o comportamento dos turistas sob a ótica dos residentes;
- Analisar como a atividade turística é avaliada segundo os residentes;
- Analisar se o turismo auxilia na construção ou transformação da identidade cultural da comunidade receptora;
- Compreender as relações de pertencimento dos residentes com o lugar.

Essa investigação adotou como metodologia uma abordagem qualitativa, com delineamento estudo de caso e as técnicas utilizadas foram entrevistas semiestruturadas, caderno de campo, observação e análise de documentos. Ao total coletaram-se depoimentos de 6 sujeitos de pesquisa que foram reunidos a partir da técnica da bola de neve.

Os capítulos iniciais são compostos pela fundamentação teórica e metodológica do trabalho. O aporte teórico contempla temas relacionados turismo, balnearização, lugar, pertencimento e identidade cultural. Na sequência apresenta-se os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. Os resultados e as discussões são apresentados subsequentemente.

## 2. BALNEARIZAÇÃO E TURISMO

Neste capítulo abordaram-se os conceitos do fenômeno turístico e da balnearização a partir da menção de diferentes autores. As discussões em relação ao turismo na academia exploram-no como atividade econômica ou como uma indústria, além de sua compreensão também como um fenômeno social, perspectiva adotada neste trabalho, na medida em que promove a interação entre indivíduos e intercâmbio cultural.

Nesse sentido, o deslocamento territorial de pessoas existe desde a gênese da humanidade. Amaral Junior (2008) e Barretto (1999) citam os movimentos de antigas civilizações como, por exemplo, as viagens de cunho religioso ou festivo no Antigo Egito, o movimento dos romanos com o intuito de expandir o território de seu Império e deslocamentos expressivos na Antiga Grécia motivados pelas Olimpíadas.

Porém, o turismo contemporâneo, também denominado turismo de “massa”, cujos primórdios podemos destacar a expansão do capital financeiro e as revoluções industriais na Europa, tem como referência as viagens organizadas por Thomas Cook.

Juntamente à Revolução Industrial surgiu uma classe média trabalhadora que gozava de remuneração e possuía divisão do tempo como, por exemplo, o tempo de trabalho e o tempo livre, fatores que foram significativamente relevantes para o desenvolvimento da atividade turística. No que tange a essa nova dinâmica social:

O crescimento de um padrão mais organizado e rotineiro de trabalho levou a tentativas de desenvolver uma correspondente racionalização do lazer: Em grande parte essa regularização dos dias de lazer surgiu devido a uma modificação das horas diárias de trabalho e da natureza desse trabalho (CUNNINGHAM, 1980 apud URRY, 2001, p. 147).

A partir do século XVIII com a diminuição na carga horária regulamentada e as melhorias na condição financeira dos trabalhadores, estes passaram a buscar nos períodos ociosos viagens a lugares que os distanciassem cada vez mais de seus lugares de residência. Para Urry (2001) o movimento artístico, político e filosófico denominado “romantismo” que libertava os europeus dos dogmas da Igreja Católica, desempenhou papel influenciador na tomada de decisão em relação a viagens que proporcionassem maior contato com o meio natural. Para o autor tal movimento “encorajou também os banhos de mar” (URRY, 2001, p.39).

As primeiras impressões sobre o mar eram formadas a partir de relatos da Bíblia e da Igreja Católica como, por exemplo, o grande dilúvio. O mar era um território desconhecido, um lugar envolto de mistérios e habitado por criaturas desconhecidas, e

transmitia à população sentimentos como repulsa e medo impedindo de conservar o desejo por estar à beira mar (URRY, 2001).

Autores como Silva (2005) ressaltam que em meados dos séculos XIV e XV, o mar era visto como um local perigoso, insalubre e inóspito. Essa ideia só modificou-se no século XVIII a partir de indicações médicas em relação ao potencial de cura para todos os males que os banhos de mar apresentavam.

### 3. TURISMO E BALNEARIZAÇÃO NO LITORAL DO PARANÁ

O fenômeno turístico teve seu desenvolvimento historicamente relacionado à construção e melhorias nos acessos e na região do litoral paranaense não foi diferente. Neste capítulo será discutida e apresentada a relação entre o turismo e o processo de balnearização com o desenvolvimento dos municípios da região, sobretudo o município de Matinhos.

#### 3.1 HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO INICIAL

O primeiro vestígio da presença humana no litoral do Paraná está relacionado aos mais de 300 sambaquis existentes na região, que para Bigarella (1999, p. xx) “trata-se de remanescentes culturais de um povo que viveu no litoral do Paraná aproximadamente entre 3.000 e 5.000 anos passados, muito antes da presença do índio”.

Quando deu início a colonização da região pelo europeu em meados do século XVI, os habitantes do litoral paranaense eram indígenas. A chegada do colonizador à região teve como principal motivação a busca pelo ouro nos rios da Baía de Paranaguá.

A chegada do europeu se deu a partir de 1545. Instalaram-se inicialmente na ilha da Cotonga, por receio de ataques indígenas. Posteriormente, passaram a habitar as margens do atual rio Itiberê. Gabriel de Lara foi o responsável pela busca por ouro na região da Baía de Paranaguá a pedido da coroa portuguesa e seu nome ficou vinculado à fundação da Vila de Paranaguá no ano de 1648. Anteriormente a região pertencia ao estado de São Paulo. Porém, as buscas pelo metal precioso não obtiveram o resultado esperado pela coroa e em 1734 foi fechada a casa de fundição do quinto sinalizando o fim do ciclo do ouro na região (BIGARELLA, 2009; ESTADES, 2003; ESTEVES, 2011).

A miscigenação entre o colonizador europeu e o índio deu origem ao caboclo, também denominado caiçara, cuja principal atividade era a pesca, suas residências eram caracterizadas por casas de pau a pique cobertas por folhas de palmáceas que traziam um misto da cultura indígena e europeia (BIGARELLA 2009):

Isolados do resto do Estado, os caboclos conservavam certos traços culturais herdados do indígena e do elemento lusitano. As enormes dificuldades de sobrevivência tornaram seu modo de vida extremamente simples, sem maiores preocupações artísticas com os utensílios do dia-a-dia, além daquelas de sua utilização prática (BIGARELLA, 2009, p. 18).

Com o início do uso balneário alguns traços culturais do caboclo passaram a desvanecer como resultado da relação com o banhista. Tradições como o engenho de mandioca que desempenhava um papel significativo na alimentação da população, a pesca tradicional com redes feitas de fibras naturais como a casca de uma árvore nativa chamada embaúba e outras manifestações culturais como o boi-de-mamão, o fandango, o pau-de-fita, entre outros, foram induzidos ou desapareceram (BIGARELLA, 2009).

Guaratuba foi fundada no século XVIII com o início de seu povoamento no ano de 1768. Foi elevada a vila no ano de 1771, entretanto tinha a face do seu núcleo urbano voltada para o interior da baía homônima, característica essa dos municípios do período colonial. Todavia até meados da década de 1940 o município permaneceu um tanto retirado uma vez que o acesso era complicado (BIGARELLA, 2009; SAMPAIO, 2006).

Subsequente a isso, a partir de desmembramentos territoriais surgem oficialmente os municípios de: Antonina (1857), Guaraqueçaba (1947), Guaratuba (1947), Matinhos (1968), Morretes (1841) e Pontal do Paraná (1997) (IPARDES, 2010).

### 3.2 USO BALNEÁRIO

No litoral paranaense a busca por bem-estar à beira mar teve início em meados da década de 1920, com a chegada dos primeiros banhistas à região. Segundo Bigarella, (1999) foi no ano de 1926 que surgiu a primeira vila balneária denominada Matinho, que anos mais tarde viria a se chamar Matinhos, localizava-se a 3 km ao norte da baía de Guaratuba. No mesmo ano a construção da Estrada do Mar (atual PR – 407) exerceu papel fundamental para o desenvolvimento da ocupação da orla do litoral do Paraná (BIGARELLA, 1999).

Posteriormente a isso, surgiram no ano de 1928 a Vila Balneária Praia de Leste, e em 1930 a Vila Balneária do Morro de Cayobá, que mais tarde viria a ser chamado Balneário de Caiobá. A posição geográfica das vilas balneárias de Matinhos e Caiobá era favorável, uma vez que se localizavam nos sopés da Serra da Prata onde encontravam-se nascentes de rios, com isso a captação de água potável não era um contratempo. Para Sampaio (2006, p. 174) “E ao que tudo indica, também residiria na inexistência dessas fontes o fracasso da Vila Balneária Praia de Leste, que não se desenvolveu a época, e que só será retomada já nos anos 1950” (BIGARELLA, 2009; SAMPAIO, 2006).

Ao litoral norte da Baía de Paranaguá o uso balneário se iniciou na Ilha do Mel em meados da década de 1930, todavia só iria se efetivar a partir dos anos 1980 com a

chegada da energia elétrica em 1988 e o melhoramento das infraestruturas de acessos. O local era inicialmente frequentado por famílias de classe média alta oriundas de Curitiba. Foi também na década de 1980 que a Ilha foi incluída como Unidade de Conservação e passou a ter pouco menos de 5% do seu território destinado à ocupação, enquanto que o restante está protegido por lei e destinado apenas a pesquisas. (SAMPAIO, 2006).

Durante a década seguinte, não surgiu nenhum outro empreendimento balneário na região, em decorrência da fragilidade econômica que marcou esse período, como por exemplo, a quebra da bolsa de Nova York (1929) e a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1930 – 1945) que minimizaram os investimentos nessa área. Outro fator que influenciou no desenvolvimento do litoral foi a malária, o clima e a vegetação da região eram propícios para a proliferação do mosquito desta maneira as temporadas no litoral eram realizadas nos meses de inverno. Para Sampaio (2006, p. 174):

[...] razões locais condicionaram esse quadro e duas delas, ao menos, merecem destaque. Uma foi o problema sanitário, constituído sobre tudo pelo impaludismo que grassava em toda a região litorânea, e pela helmintíase, que, embora infectasse tipicamente a população dos caboclos, poderia alcançar as famílias banhistas, e, especialmente, as crianças, e a outra, a precariedade das comunicações, que tornava as viagens difíceis e sujeitas a transtornos e riscos [...]

Inicialmente os acessos que ligavam o litoral ao interior do estado eram de uso exclusivo de escoamento da produção e abastecimento, tinham sentido ao primeiro planalto onde está estabelecida a capital, Curitiba. Esses acessos eram compostos por caminhos coloniais carroçáveis instalados em meados do século XVI e posteriormente com a construção da ligação entre Curitiba e Antonina a Estrada da Graciosa concluída no ano de 1873 exerceu papel relevante para o estabelecimento da província. Ainda durante o século XIX, foi constituída a estrada de ferro que fazia a ligação entre Curitiba e Paranaguá. (SAMPAIO, 2006; CHEMIN e ABRAHÃO, 2014).

Guaratuba e Guaraqueçaba não possuíam estradas que fizessem a ligação com o município de Paranaguá. O acesso a Guaraqueçaba era feito por vias aquáticas e para Guaratuba por canoa até a localidade de Pontal do Sul, depois seguia o trajeto pela praia feito por carroças e dispunha novamente de canoas pela baía de Guaratuba. Foi só no ano de 1948, que Guaratuba passou a fruir de uma ligação com Curitiba e com cidades de Santa Catarina como Garuva, com a construção da atual PR-412 (SAMPAIO, 2006).

A partir disso, foram estabelecidas melhorias nos acessos ao litoral do Paraná, com o objetivo de favorecer os dois grandes portos existentes na região o Porto de Antonina e o de Paranaguá, que asseguravam também a integração territorial do estado.

Durante os anos de 1960 e 1970 foram realizados notáveis investimentos no modal rodoviário no estado (CHEMIN e ABRAHÃO, 2014).

Lima e Dias (2008) contabilizam que ao longo dos anos 1970 quase metade da receita estadual havia sido investida em infraestrutura, incluindo os projetos de ampliação, melhorias de pavimentação e duplicação das rodovias mais estratégicas (BR-277 e BR-376).

Podemos observar exemplos desse investimento na construção de algumas rodovias que exerceram papel fundamental para a integração entre o litoral e as outras regiões do estado. Além da BR-277 e a BR-376, no mesmo período foi implantada a PR-408 que faz a ligação entre Antonina e Morretes e por fim, na década de 1980, outra rodovia relevante para o litoral foi a PR-508 também denominada Alexandra-Matinhos, que faz a ligação entre o distrito de Paranaguá ao município (CHEMIN e ABRAHÃO, 2014).

Em relação aos transportes utilizados no litoral do Paraná outro modal pertinente é o aquaviário que além das questões associadas aos portos existentes na região, também é fruído para o acesso às ilhas que compõem o território insular do litoral como, por exemplo, a Ilha do Mel, Superagui e a Ilha das Peças. Além disto, o litoral paranaense dispõe de uma extensa costa estuarina que por sua vez requer o uso deste modal. À exceção de Morretes, todos os municípios do litoral possuem conexão com o mar e baías (CHEMIN e ABRAHÃO, 2014).

Essas infraestruturas de acesso desempenharam papel fundamental para a concretização dos espaços turísticos no litoral o que é primordial para a economia local, tendo em vista que a base econômica dos municípios turístico-praianos (Guaratuba, Pontal do Paraná e Matinhos) da região é composta principalmente por serviços de suporte e apoio aos turistas (IPARDES, 2010).

Nota-se a relevância deste fenômeno econômico em dados da SETU (2006) como os citados por Pierri, Ângulo, Souza e Kim (2006, p.156):

As estatísticas da Secretaria de Estado do Turismo (Setu) (2006) informam que este atingiu uma média de 1.518.826 pessoas nas temporadas do período 2000 a 2006, com um mínimo de 1.365.885 turistas em 2002, e um máximo de 1.643.892 turistas, em 2005. Esse fluxo se distribui de forma desigual entre os sete municípios e a Ilha do Mel, que, embora pertencente ao município de Paranaguá, discrimina-se por ser um local turístico diferenciado. O município que recebe mais turistas é Pontal do Paraná, com aproximadamente 35% do total, em 2005. Segue-o Matinhos, com 25%, e Guaraqueçaba, com 15%. Morretes recebe 8%, Paranaguá, 6%, Ilha do Mel, 4%, e Guaratuba, 2%.

Para algumas regiões ou cidades a atividade turística se coloca como forma exclusiva de desenvolvimento econômico. Isto alude ao contexto econômico contemporâneo onde se evidencia o bem-estar social, consequência de uma classe trabalhadora que apresenta hábitos consumistas e possibilidades de custear atividades de lazer (LUCHIARI, 1998). Em decorrência disso, o litoral paranaense passou a ser ocupado tanto por turistas quanto por aquelas pessoas que atraídas por melhores condições de trabalho fixaram suas residências na região (SAMPAIO, 2006; PIERRI et al, 2006).

O uso turístico de determinados espaços e o processo de construção de lugares para consumo criam transformações na paisagem e projetam novas formas de adaptação do espaço urbano. No caso do litoral paranaense esse processo se deu de forma acelerada. A restinga e a areia da praia deram lugar a arruamentos e espaços urbanos e o surgimento de cidades lineares sem a presença de um “centro” cujo comércio e serviços localizam-se nas vias principais. Outra característica deste tipo de ocupação é a presença significativa de imóveis que servem como segunda residência sendo em específico nos locais mais próximos ao mar que por sua vez são áreas consideradas mais valorizadas (LUCHIARI, 1998; CHEMIN e ABRAHÃO, 2014).

As áreas mais próximas ao mar provocaram plenos interesses por oportunizarem a proximidade com a paisagem desejada e com a praia. Com isso o interesse pela verticalização na orla se deu a partir da década de 1960 com prelúdio em Matinhos, principalmente no Balneário de Caiobá, e em Guaratuba. As primeiras edificações deveriam possuir no máximo quatro pavimentos, com algumas exceções como os edifícios de Itamar (13 andares) e Caiobá (16 andares) que foram considerados os mais altos até a década de 1970 (SAMPAIO, 2006; ESTEVES, 2011).

A próxima década foi marcada pela atenção voltada à preservação ambiental e por regulamentações quanto ao uso e à ocupação do solo, tendo em vista que o litoral paranaense possui a maior área de Floresta Pluvial Atlântica e a grande biodiversidade existente na região além de ter sofrido com um processo de ocupação desordenado e intenso (PIERRI, 2006).

Entre as décadas de 1980, 1990 e nos anos 2000 foram instituídas Unidades de Conservação na região de diferentes formas de manejo, sendo que grande parte destas UC's possuem limite territorial que adentram áreas urbanas dos municípios balneários. Estas possuem dois objetivos principais, um quanto à preservação e outro quanto à

sustentabilidade que faz com que a população que reside nessas áreas possa usufruir desses recursos (PIERRI, 2006).

Surgiram, a partir da década de 1970, algumas evidências de problemas decorrentes de uma ocupação desordenada em que a população passou a fixar suas residências em áreas onde a dinâmica natural é intensa como, por exemplo, mangues, áreas de várzea, encostas de morros, etc. Com isso, na década seguinte houve uma intervenção governamental no que tange à ocupação do solo do litoral paranaense. Sendo assim, foi elaborado um documento denominado “Padrões e normas técnicas para a ocupação e uso do solo no litoral paranaense” cujo objetivo era de controlar esse processo de ocupação intenso e desordenado (SAMPAIO, 2006).

No presente momento o litoral paranaense é composto administrativamente por sete municípios que podem ser classificados mediante sua base econômica em Praianos-Turísticos: Guaratuba, Matinhos e Pontal do Paraná; Portuários: Antonina e Paranaguá e Rurais: Guaraqueçaba e Morretes (ESTADES, 2003; FILIPPIM, 2015).

Segundo Chemin (2011), o litoral pode ser classificado ainda em relação à atividade turística, ou seja, a região é composta por centros históricos como Antonina, Paranaguá e Morretes e municípios balneários com economia baseada no turismo de sol e mar como Guaratuba, Pontal do Paraná e Matinhos (CHEMIN, 2011).

#### 4. LUGAR E PERTENCIMENTO

O conceito de lugar é complexo, pois é tratado na academia de maneira singular por diversos autores. É comum caracterizarmos o lugar apenas como um espaço que vivemos. Esse conceito remete aos espaços que frequentamos, onde vivemos, não necessariamente ligados a experiências, sentimentos e até valores. Porém, são tais fatores que dão significado ao conceito de lugar para cada um de nós. Construimos vivências, histórias, sentimentos, uma relação entre pessoa e espaço.

Para autores como Tuan (1983) o lugar se caracteriza com algumas palavras, dentre elas estão a experiência, a percepção e os valores. Os lugares são considerados centros dos valores. Ele não pode ser entendido sem que haja uma vivência.

O espaço vital ou o lugar onde residimos é muito mais que apenas um compartimento ocupado de objetos sem valores. Trata-se de um ambiente com relações intensas de apropriação social e cultural. É mais que apenas residir em um determinado espaço, é o “seu espaço”, “seu lugar”.

O sentimento que se estabelece com um lugar, é provido de experiências e vivências, essa relação de pertencimento que uma pessoa adquire por uma localidade não surge apenas de um contato rápido com o local, mas também a partir do cotidiano criado e ali vivido. Os indivíduos que compartilham dos mesmos costumes entendem e percebem o espaço geralmente da mesma forma, com símbolos e laços em comum (TUAN, 1983).

Com isso, surge o conceito de “topofilia” que segundo Tuan (1983) é o elo afetivo entre o indivíduo e o lugar ou ambiente físico, conceito vivido e concreto como experiência pessoal. As relações estabelecidas entre ser humano e natureza, espaço de vida, tornaram-se complexas com o processo da globalização, dessa forma torna-se importante entender como o indivíduo percebe e se relaciona com o lugar e território onde coexiste com outras pessoas que formam a comunidade ou grupo local.

Outros autores compartilham do mesmo pensamento como referido por Carlos (2007, p. 22):

Produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida.

Segundo Carlos (2007) o lugar nos faz entender o espaço atual e sua produção, abre o ponto de vista de pensar e habitar, e a apropriação do indivíduo no espaço. Desta maneira, tem-se como uma parcela do espaço composta por relações humanas e significados individuais que juntos formam o coletivo, a sociedade.

Para Augé (1992), existem dois conceitos de lugar: o lugar antropológico e os não-lugares. O Lugar antropológico é carregado de sentimentos, pode ser considerado como o lugar de nascimento o indivíduo ou o grupo social a que pertence a partir de experiências vivenciadas no lugar desenvolve uma identidade cultural. Por sua vez, os não-lugares, segundo o autor, são lugares de passagem, podem ser representados por shopping centers, estações de metrô, aeroportos, entre outros e como fruto da globalização são semelhantes em diferentes partes do globo terrestre (AUGÉ, 1992).

Como consequência de uma globalização cada vez mais acelerada os não-lugares citados por Augé (1992), são, de certa forma, produzidos e mantidos a partir de atividades de lazer, ou do deslocamento de pessoas pela atividade turística.

Como visto, na literatura diversos são os conceitos de lugar. Um dos mais antigos é atribuído a Aristóteles, a partir de uma de suas obras em que lugar é descrito como o limite do corpo. Tempos depois, na obra “Princípios Filosóficos”, Descartes aprimorou o conceito de Aristóteles, afirmando que além de limitar o corpo, o lugar também deveria ser estabelecido em relação à oposição de outros corpos (RIBEIRO, 1993).

O termo pertencimento está em grande presença na comunicação e no social, na vida coletiva e individual de cada indivíduo, criando interesses que os direcionam. Ele se direciona à comunidade, mas seu conceito vai além. As formas de socialização entre família, etnia, religião e educação mostram essa esfera tradicional e histórica relacionada à comunidade e pertencimento. Quando se ressalta o termo lugar, conseqüentemente pensamos em pertencimento, termo que se manifesta com uma maior força em diversas áreas hoje. O indivíduo possui uma identidade, em que é considerado um sujeito social, assim reconhecendo seu pertencimento territorial (CALLAI, 2004; SOUZA, 2010).

Os indivíduos sempre acabam se identificando com algo, e têm essa necessidade de estar inseridos nele, sendo família, comunidade ou um determinado grupo. Temos a necessidade de sentir parte do que estamos inseridos, de pertencer, compartilhando suas culturas, suas visões diversas do mundo, em constante interação. No quesito socialização sempre utilizamos diferentes expressões para que possamos nos identificar nesse meio, dar sentido aos nossos lugares. Por meio do pertencimento nos reconhecemos, juntando a coletividade expressa por valores que se configuram em características sociais, culturais ou raciais (PLEBER *et al*, 2014).

O pertencimento se manifesta quando um indivíduo se sente pertencente a algum lugar, fazendo parte daquilo e se identificando. A identidade é importante nesse processo, pois é o que leva a pessoa a se identificar com o ambiente, tornando-se parte de um grupo. O sentimento de pertencimento dos indivíduos é algo inerente a eles, que ao passar dos anos acabam sendo esquecidos. Lesting (2004) diz que quando se enraíza ao ambiente e às características dele, acaba-se desenvolvendo sentimentos e reflexões que despertam lados críticos, fazendo com que haja uma transformação no modo em que vemos o mundo, e que busquemos reflexões emancipatórias.

Para Pleber et al (2014) quando o indivíduo se sente pertencente a algum lugar ou grupo, permite-se agir nos acontecimentos que direcionam seus caminhos. As relações de identidade e pertencimento se ligam em um movimento de construção, desconstrução e também de reconstrução.

Os conceitos de lugar e pertencimento aqui discutidos foram temas estruturantes da investigação, uma vez que se buscou caracterizar as percepções de lugar e as relações de pertencimento dos sujeitos de pesquisa (residentes do Bairro Caiobá) à medida que vivenciaram experiências no município de Matinhos.

## 5. IDENTIDADE

Atualmente a identidade cultural vem sendo discutida de maneira singular à que se pensava em períodos mais remotos da história. O pensamento sobre aquela identidade fixa e imutável de uma população passou a ser criticado e discutido por autores das ciências sociais.

Para Hall (2006) o processo intenso de globalização, vivenciado no período que o autor denomina como pós-modernidade, se relaciona com as mudanças que a identidade vem sofrendo, descentralizando o indivíduo moderno. Para ilustrar esta questão o autor coloca a identidade em três diferentes concepções, sendo elas: i) o sujeito do iluminismo cuja identidade era baseada no individualismo, como uma espécie de núcleo interior imutável que o acompanhava desde o nascimento, se desenvolvendo conjuntamente porém permanecendo idêntico; ii) o sujeito sociológico, em que essa identidade era formada também através de ensinamentos e valores passados por outros indivíduos ou “na interação entre o eu e a sociedade (HALL, 2006, p. 11).”; e por fim o sujeito pós-moderno, que não possui uma identidade fixa pois passa continuamente por transformações.

O conceito de identidade cultural apresentado por Hall trata dos sentimentos e especificidades individual ou de grupos pertencentes a uma cultura: “As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história” (HALL, 1996, p. 170 ).

O sociólogo Zygmunt Bauman também discute como a globalização atua na formação e transformação das identidades locais. O autor denomina como modernidade líquida o período em que: “[...] o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, ‘estar fixo’ – ser ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais mal visto” (BAUMAN, 2005, p. 38). Sendo assim, o indivíduo busca, cada vez mais, aspectos de outras culturas para a formação de uma identidade cultural híbrida. Neste sentido o turismo como fenômeno social complexo atua na promoção de intercâmbio cultural.

Para Goffman (1963), a sociedade, historicamente, se articula de maneira a categorizar os indivíduos cujo autor denomina “identidade social”. Sendo assim, a primeira impressão que temos de indivíduos que são “estranhos” ao nosso convívio é baseada nesses aspectos que também promovem a formação de pré-conceitos e expectativas em relação ao “novo”. O autor discute também a relação entre a identidade social virtual que é justamente o que a sociedade “espera” de um indivíduo de determinada cultura, e a

identidade social real que nos faz reclassificar um indivíduo anteriormente colocado em outra categoria social. O termo estigma é utilizado por Goffman para fazer referência a um atributo depreciativo de forma que: “Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso” (GOFFMAN, 1963, p. 6).

Os três tipos singulares de estigmas expostos por Goffman são: a aversão do corpo a partir das deformidades físicas; o que culpabiliza individualmente como, por exemplo, o uso de drogas ou a condição de ex-presidiário; e o último tipo está relacionado a aspectos que podem ser transmitidos de geração para geração.

## 6. RELAÇÃO VISITANTES X VISITADOS

Ainda que as viagens humanas motivadas pelo lazer tenham seu surgimento posteriormente à Revolução Industrial, o turismo de massa teve origem após a Segunda Guerra Mundial. Junto ao turismo denominado “turismo de massa” surgiu também uma atenção voltada à potencialidade da atividade turística em promover intercâmbio cultural e relação entre turistas e comunidade local. Autores como Krippendorf (2001), afirmam que o turismo fez-se

O primeiro instrumento da compreensão entre povos que permite o encontro de seres humanos [...] os reúne [...] constitui um dos principais fatores da aproximação entre povos e, consequentemente, da manutenção de relações pacíficas (KRIPPENDORF, 2001, p. 82).

Essas relações entre visitantes e visitados vêm sendo fundamentadas por diversos estudos que apontam que, na maioria das vezes o impacto sobre a cultura de um povo, é maior sobre a população residente. A visão das populações visitadas quanto à atitude dos turistas nos destinos são, muitas vezes, de um turismo predatório e de falta de alteridade:

Existe uma falta de consciência quanto as responsabilidades individuais de cada pessoa com o "outro", com pouca ou nenhuma participação ou respeito pelas normas e condutas locais. A exceção do turista explorador, que tenta se integrar e interagir com a população receptora inclusive aprendendo seu idioma, raras vezes observamos esta preocupação entre os outros tipos de turista e muito menos com os agentes que possibilitaram a ida destes turistas às comunidades visitadas. (FLORES E SILVA, 2011, p. 178).

Além disso, alguns outros autores têm identificado etapas diferentes na relação entre turistas e a população residente. Doxey (1975 *apud* BARRETTO, 2004), em seu estudo mais conhecido, organizou em forma de quadro um índice de irritação para relatar os impactos sociais do turismo:

QUADRO 1: MODELO IRRIDEX DE DOXEY

Fase	
i) Euforia	Fase inicial de desenvolvimento; visitantes e investidores são bem vindos; poucos planos e mecanismos de controle.
ii) Apatia	Os visitantes são discretos: os encontros entre residentes e visitantes tomam forma comercial; o planejamento está fundamentalmente dirigido ao <i>marketing</i> .
iii) Repulsa (nojo)	O ponto de saturação está próximo; os residentes receiam o setor de turismo; a administração trata de solucionar o problema, criando infraestrutura limitada ao crescimento.
iv) Antagonismo	A irritação é expressa abertamente; os visitantes são vistos

	como causa de todos os problemas; o planejamento trata de remediá-los, mas a promoção decresce a reputação do destino se deteriora.
--	---

FONTE: Adaptado pela Autora a partir de Doxey (1975, apud BARRETTO, 2004).

É certo que há uma diferença na expectativa de turistas e residentes. Enquanto que os turistas esperam "fugir" das preocupações e estresses do dia a dia, os residentes enxergam o turismo como um meio de obter lucro, e esses dois grupos acabam frequentemente negligenciando o fato de que além dos impactos econômicos que a atividade exerce sobre a cidade ou destino receptor, existem também os impactos sobre a cultura que podem causar danos insanáveis a comunidade local:

No relacionamento, os residentes têm a perspectiva de obter um ganho econômico no contato com os visitantes, no entanto outras experiências de fundo social cultural que não eram esperadas, e muitas vezes indesejadas. (DIAS e AGUIAR, 2002 *apud* BALDISSERA e BAHL, 2012 ).

Portanto, a importância de estudar esses impactos sociais que o turismo pode ocasionar, torna-se indispensável um planejamento para o desenvolvimento sustentável do turismo em cidades como as que compõem a região do litoral paranaense, para que assim turistas e residentes possam gozar plenamente da atividade turística. Atividade essa de suma importância econômica para os agentes receptores.

## 7. METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa a metodologia adotou uma abordagem qualitativa com delineamento estudo de caso que, segundo Gil (2002), trata-se de:

[...] uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados.

As técnicas utilizadas para coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas, caderno de campo, observação e análise de documentos. Os cinco sujeitos de pesquisa foram reunidos a partir da técnica da bola de neve que, segundo Vinuto (2014), trata-se de: “uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados”.

O aporte teórico contemplou temas relacionados a turismo, balnearização, lugar e pertencimento. O processo em que se desenvolveu a pesquisa foi subdividido conforme as etapas a seguir:

Etapa 1 - Fundamentação conceitual e teórica: leitura e fichamento das referências bibliográficas utilizadas para embasar a pesquisa e construção do marco teórico;

Etapa 2 – Coleta de dados: primeiramente realizou-se a construção do instrumento de coleta de dados que constituiu de um roteiro semiestruturado para entrevista, com 12 questões que poderiam ser modificadas ou reestruturadas no decorrer das entrevistas quando a pesquisadora julgasse necessário. Foram colhidos depoimentos com o auxílio de gravadores de áudio de seis sujeitos de pesquisa, sendo que cada entrevista durou em média 20 minutos. Os áudios foram transcritos para o início do processo de análise. As questões utilizadas no Instrumento de Coleta de Dados estão apresentadas no Apêndice 1 deste trabalho. Foi realizado um pré-teste do instrumento. Os respondentes tiveram suas identidades preservadas e são identificados no texto com a expressão “informante” seguida de um número, atribuído individualmente a cada um dos participantes.

## 8. RESULTADOS

Os 6 sujeitos de pesquisas, entrevistados no mês de maio de 2018, foram selecionados a partir de indicações dos mesmos. O primeiro sujeito foi contatado por residir próximo a residência da pesquisadora. Possuem idade entre 26 e 65 anos, o mais recente reside no município há cerca de 7 anos e o mais antigo residente a cerca de 45 anos. Alguns trabalham diretamente com a atividade turística como, por exemplo, os casos dos respondentes 1, 4 e 6 que trabalham em ocupações como zeladores de condomínios de segunda residência e com a oferta de serviços de alimentos e bebidas.

Foi realizada uma abordagem preliminar, via telefone ou mensagens instantâneas, cuja pesquisadora realizou o agendamento das entrevistas. Todos os sujeitos demonstraram interesse em participar da pesquisa e foram bastante receptivos. As entrevistas ocorreram em locais definidos pelos respondentes e muitas aconteceram nas próprias residências dos mesmos. Não demonstraram desconforto com nenhuma das questões que compunham o instrumento de coleta de dados.

### 8.1 O PROCESSO DE CHEGADA AO MUNICÍPIO E DE ADAPTAÇÃO INICIAL

Como Matinhos teve sua população formada a partir do turismo, grande parte dos entrevistados não nasceu na região, e em sua maioria são oriundos da região norte e nordeste do Estado. A investigação analisou duas motivações diferentes para que esses sujeitos migrassem para o município.

A primeira consiste na busca por qualidade de vida, e a tranquilidade que uma cidade pequena proporciona e que buscavam após a aposentadoria. Conforme relato do informante 3: “Eu me aposentei e escolhi um lugar assim que eu fosse passar o resto dos meus dias. Então eu falei pro meu marido, ‘vamos morar na praia!’”.

A segunda motivação se dá a partir da vinda e estadia de outros indivíduos como, por exemplo, amigos e/ou familiares: “Tinha um irmão que morava aqui, na primeira vinda pra cá eu tinha um irmão que morava aqui. Aí antes de vir [*em caráter definitivo*], eu vim comprei uma casa [...]” (INF. 1, 2018). Corroborando com esse depoimento o informante 2 comenta: “Pra falar a verdade, minha mãe está aqui há mais de vinte anos né, mora em Matinhos. Eu fazia de tudo para não vir [...] daí eu vim pra cá e hoje eu amo Matinhos”. Dois dos seis entrevistados vieram para Matinhos ainda quando crianças, entre 1 e 5 anos, por isso não guardam lembrança da chegada ao município. Ainda para reforçar a informante 6 relata que: “Só que a minha mãe veio pra cá quando

meu irmão era novo, né. Faz mais de 30 anos que a minha mãe mora aqui. 33 anos na verdade. A minha mãe é de Pato Branco”.

Os relatos apontam que os sujeitos não enfrentaram grandes dificuldades na adaptação inicial. Neste sentido a informante 2 comenta que adaptação na cidade foi tranquila e: “acho que melhor do que... tenho certeza que melhor do que cidade grande. O povo, acho que o povo que tá aqui em Matinhos é o pessoal mais social [*aqui o informante utiliza a expressão “mais social” para ilustrar que a convivência no município de Matinhos é mais amistosa que nos grandes centros urbanos*], assim os moradores, né.” Enquanto que o informante 3 comentou sobre a facilidade em criar laços de amizade e o sentimento de hospitalidade a partir das pessoas que já moravam no local: “conheço várias pessoas, tenho outros amigos em Guaratuba. [...] acho que eu não tive dificuldade pra fazer amizade. Amigos mesmo são poucos mas conhecidos a gente tem bastante”.

Independentemente da motivação que influenciou na mudança para Matinhos, o tempo de chegada ao município teve uma variação entre 45 anos para o mais antigo, e 7 anos para os que vieram recentemente. Nenhum dos respondentes é natural de Matinhos.

## 8.2 ANÁLISE E PERCEPÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA

Os relatos no geral demonstraram insatisfação em relação a como o turismo é administrado no município. Aspectos como estrutura para recepção, ausência ou insuficiência de eventos, segurança pública e infraestrutura sanitária foram significativamente citados. A vida noturna na cidade foi intensamente criticada como relata a informante 1: “O que eu acho que precisa aqui, é o que em todas as grandes regiões turísticas do litoral oferecem, atividades noturnas, atividades sem ser areia e mar”. Ainda neste sentido, os sujeitos relataram a ausência ou inexistência de eventos comparando a oferta de atividades de lazer em outros municípios da região:

Mais promoções, precisa trazer mais eventos. O que tem aqui de errado, é que qualquer coisa que você quer fazer é proibido, **e o turista gosta da noite, de ouvir uma boa musica e tal. Mas tudo é proibido**, não pode. Carnaval é só da metade da praia pra frente que pode, não é a praia inteira que pode fazer carnaval pra não fazer barulho. Então essas coisas que prejudica muito o turismo, por isso que Balneário Camboriú é lotado, por isso que outras praias... **as pessoas preferem outras praias porque aqui é só mar, areia e só. Sol, mar e areia** (INF. 1, 2018 – GRIFOS NOSSOS).

[...] tive oportunidade de ir pra Morretes em um evento que teve lá, que aqui falta esses tipos de evento, tipo é semana do Jazz, aqui em Matinhos não tem. Mas em Guaratuba tem e em Morretes tem, Antonina tem também [...] (INF. 2, 2018).

Porém essa situação não ocorria nas antigas temporadas. Segundo os depoimentos outrora as temporadas eram muito mais divertidas que as atuais, com shows e música ao vivo e eventos à beira mar, o que para os depoentes atraía maior número de turistas e visitantes:

[...] quando minhas meninas eram pequeninhas a gente ia pro centro lá, nossa, aquele calçadão lotado de gente era muito divertido, era muito gostoso! Tinha ali uns saloon uns negócios que fazia ali música ao vivo era muito gostoso. Aquele pico ali ficava lotadinho de gente, pra você passar ali você tinha que ir desviando (INF. 5, 2018).

[...] um pouco mais, uns 15 anos atrás, tempo que tinha uns eventos na beira da praia ali. Que tinha futevôlei, tinha vôlei, tinha campeonato de futebol. Tinha um monte de coisa que traziam né (INF. 4, 2018).

Quando eu me incentivei a vir morar aqui, eu vim passar uma temporada aqui e tinha música ao vivo, show de artistas famosos na areia. Era uma delícia. Você saía a noite vinha na areia, era muita gente. Era assim... não sei se era todo dia mas com uma certa frequência o show era na areia (INF. 1, 2018).

O fluxo de visitantes nas antigas temporadas era notavelmente maior, na perspectiva dos sujeitos da pesquisa, do que nas atuais temporadas. Para os residentes de Caiobá, além da insuficiente oferta turística singular ao segmento Turismo de Sol e Praia, outros aspectos se fizeram relevantes para a diminuição da demanda no município: segurança pública e fragilidade econômica.

A segurança aparece nos relatos dos informantes:

A própria polícia, muitas vezes, é conivente com essas barbaridades, porque tipo assim: ah lotou a praia, mas lotou a rua ali, os carros pararam porque eles quiseram e a polícia bloqueia, tá certo, bloqueia pra não ter acidente e tal, mas a polícia não é hora de fechar, é uma rua comercial. A polícia deveria chegar e falar assim: 'gente, gente, vamos, vamos todo mundo circulando, multa pra todo mundo' mas não, a polícia vai lá e fecha e é conivente com aquela bagunça, com aquela baderna (INF. 2, 2018).

Mas hoje eu acho que deveria melhorar assim mais é a segurança né. Assim que tá precário mesmo. [...] Muita diferença. Bastante, antigamente vinha mais gente pra cá, acho que pelo fato de tanta roubalheira, o pessoal faz arrastão na praia, rouba boné, rouba um monte de coisa. Pela praia ser preta a água, o povo não cuida né. E daí antigamente vinha bem mais pessoas pra cá, eu lembro que na temporada bombava (INF. 6, 2018).

Em relação à fragilidade econômica:

Eu acho que antes, por causa do poder aquisitivo, as pessoas vinham mais né. Eu acho que até meio parado. Eu acho que tá diminuindo o público por causa da questão financeira, eu acho (INF. 3, 2018).

O informante 5 avalia a atividade turística: “Olha eu acho que poderia ser bem melhor né. Podia atrair muito mais turista. Ah podia melhorar muita coisa né, essas reformas que começam e não terminam. Se tivesse tudo prontinho né, uma cidade tão pequenininha né que poderia ser muito bem arrumadinha”.

Nessa perspectiva, a atividade foi altamente criticada pelos residentes, principalmente no que tange à administração pública municipal no planejamento e no desenvolvimento do turismo: “Veja bem, hoje nós temos um prefeito que foi secretário de turismo. E hoje ele está com tudo na mão, é prefeito e o que Matinhos mudou?! Nada. E teria tudo pra ser mudado (INF. 4, 2018).

### 8.3 COMPORTAMENTOS COMUNS DOS TURISTAS

Os comportamentos mais comuns citados pelos residentes do Bairro de Caiobá demonstraram-se negativos. Exemplos como as atitudes desrespeitosas dos turistas em relação a som, educação no trânsito, e a questão do lixo foram numerosas vezes relatadas: “[...] Pelo que eu conheço das pessoas acho que está piorando a situação cada ano. Por que cada ano vem pessoas que eu não consigo entender como que um ser humano se comporta nessa situação [...]” (INF. 2, 2018).

O principal desconforto, que esteve presente nas falas dos 6 sujeitos de pesquisa, é a perturbação sonora: “O som, as pessoas que passam pela rua gritando, parecem uns loucos” (INF. 3, 2018). Essas atitudes de certa forma influenciam na rotina dos moradores nos momentos de descanso, tendo em vista que os períodos citados como de maior fluxo de trabalho são justamente os períodos de temporada, férias ou feriados. A informante 3 ilustra essa situação:

A única coisa no turismo que eu não gosto aqui é a falta de respeito. **O barulho que as pessoas que vêm de fora fazem.** Eles chegam assim e esquecem que tem moradores, **eles esquecem que tem pessoas que trabalham** né, que tem que levantar de manhã pra trabalhar (INF. 3, 2018 – GRIFOS NOSSOS).

Esse desconforto é gerado por músicas expostas em alto volume nas casas, nos carros, na praia e nas ruas com a modernidade dos aparelhos de som móveis que, atualmente, podem ser carregados para diversos lugares: “Antes estacionavam 3 ou 4 carros aqui na frente do prédio com música alta e ninguém dormia. E não tinha ninguém pra tomar essa providência quanto a isso (INF. 4, 2018).

Além disso, o limite do horário permitido para essas práticas é desrespeitado, e a perturbação sonora se estende por diversas horas seguidas. Tais condutas não

importunam apenas os residentes, como o informante 5 descreve: “Tem gente que vem e fica reclamando de tudo então que fique em uma cidade parada, não vem pra praia, o pessoal quer curtir né. Eu não acho legal isso. Os próprios turistas reclamam” (INF. 5, 2018).

Tais comportamentos não são tolerados apenas pelos moradores que se relacionam com maior frequência com os turistas, ou que vivenciam com maior constância o dia a dia nas temporadas de verão. Seja trabalhando com serviços turísticos, seja na tentativa de aproveitar os espaços de lazer conjuntamente com os visitantes:

eu queria deixar bem claro que eu não saio na temporada, o máximo que eu cheguei... já cheguei a ir em show e tal [...] Eu não sei, eu sempre falo pra minha mãe, eu queria ser rica pra que desse a temporada eu vazava daqui e voltava só... pelo menos natal e ano novo eu não ficaria aqui (INF. 2, 2018).

Em relação à educação no trânsito, os relatos apontam que as principais práticas dos turistas são de estacionar em lugares proibidos ou inapropriados. Na ânsia de aproveitar o dia de sol, estacionam os carros em calçadas, guias rebaixadas: “[...] você quer entrar na sua casa mas você não consegue porque um carro está parado na guia ali. Aí você tem que esperar a boa vontade [...]” (INF. 2, 2018). A conduta de estacionar também em cruzamentos acarreta no trancamento das ruas impossibilitando a passagem de outros carros:

Trânsito é complicado né, pra gente na temporada é complicado, as pessoas não respeitam. Simplesmente não tem respeito, pra você ver ali na temporada eles usam a grama como estacionamento. Eles atravessam o carro e usam a grama como estacionamento, sobem em cima da calçada, e não tão nem aí, não querem nem saber (INF. 4, 2018).

Os níveis de desrespeitos por parte dos turistas que frequentam Matinhos nos períodos de alta temporada, correntemente relatados, atingem outros aspectos e perpassam pelas questões de hierarquias sociais, assédio, injurias raciais, como relato do informante 2: “Mas já vi pessoas chegar e só porque é turista tratar mal o Pelé (atendente de lanchonete) porque, de repente, por ser moreno [...]” , entre outros:

Eu vejo lá no Tio Paulo [*proprietário de uma lanchonete em Caiobá*] como tem gente turista danado que vai lá e quer tratar ele mal. E ele é um cara que não trata ninguém mal, ele não sobe o valor das coisas dele, e ele não trata as pessoas diferentes [...]. Mas como diz o Tio Paulo – turista é bom mas também a gente não precisa morrer... achar que a gente não vai viver mais por causa desse povo. Entendeu?! (INF. 2, 2018).

Um turista entrou na grama dela aí com o carro e começou a cavoucar a grama dela [*referindo-se à vizinha*], bêbado inteiro, com o som ligado nos trinque e ela pediu pra ele se retirar, tirar daqui porque ali é a vaga dos carros da pousada. E daí ele começou a chamar ela de macaca, de nega, fedida, cabelo duro, começou a xingar ela um monte ali (INF. 6, 2018).

Você vai ali com seu marido os caras chegam e te agarram lá e teu marido vai fazer o quê? Um bando de homem junto ali, não vou! Nem ver os fogos [*referindo-se ao reveillon no calçadão*], nós não vamos. Antigamente nós gostávamos de ir ver, hoje já não da pra ir (INF. 6, 2018).

Tais práticas geram conflitos entre os turistas e os residentes. Apesar de não relatarmos com detalhamento, tais divergências aparecem de maneira constante nos depoimentos: “Ah a gente vê conflitos constantemente. Todo prédio a gente vê isso aqui. Eu não participei, mas já presenciei.” (INF. 1, 2018). Nenhum comportamento positivo foi citado pelos depoentes.

Em contrapartida, o relato do informante 1 que não demonstrou grande insatisfação com o comportamento dos turistas:

A mim não incomoda, né. Existem pessoas que [se] incomodam e existem pessoas que não se importam com o que está acontecendo lá fora. Pra mim nada incomoda, barulho ou então algazarra, eu sei que as pessoas estão se divertindo. Cada um tem um jeito de se divertir né” (INF. 1, 2018)”.

A partir desses relatos pode-se concluir que a maneira como os turistas e visitantes “aproveitam” os períodos de folga não inclui os residentes como indivíduos que participam dessas experiências, evidenciando uma invisibilidade social. Complementando essa percepção: “[...] as pessoas **acham que férias, é férias de tudo. Férias de educação, férias de respeito, de sensibilidade** com as pessoas porque é muito nojento, eu não consigo entender (INF. 2, 2018 – GRIFOS NOSSOS).

#### 8.4 COMO O TURISMO ATUA NA FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL E AS RELAÇÕES DE PERTENCIMENTO COM O LUGAR

Apesar de não serem naturais de Matinhos, a partir das experiências vivenciadas passaram a sentirem-se pertencentes ao lugar: “Ah Matinhos, eu nem me considero, eu nem acho que eu já morei em outro lugar, pra mim é Matinhos. Eu não gostaria de sair daqui nunca!” (INF. 1, 2018).

Torna-se evidente esse vínculo com o lugar no relato da informante 6: “Ah eu amo a minha cidade né. Me criei aqui, eu amo aqui esse lugar! (INF. 6, 2018). Este fenômeno é causado também por características específicas como, por exemplo, a proximidade com o mar. De maneira que parte dos entrevistados não objetivam voltar a seus lugares de origem:

E aqui eu escolhi pra morar. Não voltaria a morar lá, eu gosto de morar aqui, gosto. Eu escolhi aqui e acho que não sei, posso até um dia mudar, mas eu queria escolher outro lugar litorâneo. Não voltar pra minha cidade (INF. 1, 2018).

Neste sentido, outra parte dos depoentes, apesar de cogitar a possibilidade de migrar de cidade, demonstra grande afeto e uma relação intensa com o município, onde se sentem acolhidos. Algumas singularidades colaboram para essa situação: “Ah é uma delícia morar aqui em Matinhos, já pensou se tivesse uns governantes bons, que investissem aqui que delícia que ia ser morar aqui. Fazer acontecer as coisas (INF. 5, 2018).

Percepções acerca de aspectos relacionados à gestão municipal, segurança pública e violência atuam no despertar de um sentimento de mudança, de saída do município. Apesar de demonstrar sentimento de pertencimento que possui com o lugar que vivem atualmente, o informante 6 comenta: “Ah eu amo a minha cidade né. Me criei aqui, eu amo aqui esse lugar. Mas se continuar do jeito que tá... mas a gente fica apavorado [...]”. Para corroborar com essas afirmações:

Agora você entrou em uma pergunta complicada. Porque eu me sinto praticamente um filho daqui né. Mas Matinhos tomou um rumo tão triste que assim que eu me aposentar eu vou embora daqui. [...] Por que eu acho que aqui já foi bom de morar. Aqui já foi muito bom de morar, **foi o lugar que eu me criei, criei meus filhos e netos, mas infelizmente não sei o porquê, infelizmente nossa Matinhos acabou-se** (INF. 4, 2018 – GRIFOS NOSSOS).

O lugar torna-se elemento indispensável na concepção da identidade cultural de um indivíduo ou de grupos. Grande parte dos residentes que responderam às questões das entrevistas relatou que não costumavam frequentar a praia e espaços turísticos. Esse hábito torna-se recorrente nos períodos de temporada: “Não, eu acho que é muita gente né. Então eu prefiro quando está mais calmo, **quando a praia é só nossa né**, como dizem” (INF. 3, 2018 – GRIFOS NOSSOS).

Por todos os comportamentos negativos citados neste trabalho, os residentes optam por não frequentar nem dividir os mesmos espaços com os turistas. Os relatos apontam que preferem aguardar até fim da temporada, quando os turistas já voltaram

para seus lugares de origem. Esse fato contribui para o que os respondentes denominam “perda de identidade” local:

Ela se tornou uma cidade que não tem mais identidade das pessoas que moram aqui. **Nós moradores perdemos nossa identidade daqui.** Então, e então acho que perdemos nossa identidade mesmo, os nativos daqui perderam a identidade. Você não conhece mais ninguém [...] **infelizmente Matinhos perdeu a sua identidade** do pessoal que morava aqui (INF. 4, 2018 – GRIFOS NOSSOS).

Antigamente eu ia bastante ao carnaval porque eu gostava de ir até assistir os fogos ali na praia [*referindo-se à queima de fogos que ocorre na virada do ano*] eu já não vou. Porque é brigaçeira, qualquer faísca que sai ali meu Deus do céu sai se matando todo mundo. É garrafada, é a turma se mata tudo ali, então é falta de respeito né [...] (INF. 6, 2018).

Conjuntamente a isso alguns respondentes criaram uma espécie de estigma (GOFFMAN, 1963) categorizando os turistas a partir de especificidades ou comportamentos negativos ou depreciativos: “Ah não tem, acho que você vai ver essa estatística, Caiobá era uma praia considerada de gente rica, **hoje Caiobá é considerada uma praia de farofeiro**” (INF. 2, 2018 – GRIFOS NOSSO). Condutas relacionadas ao tempo de permanência no município e até mesmo em relação ao lugar de origem dos visitantes faz com que os turistas sejam mal vistos pelos residentes:

É bem assim ó, vou ser bem franca com você. É igual esse pessoal que mora aí em Colombo que desce aqui porque na temporada muita gente vem no domingo, vira aquele fervejo todo mundo desce pra descansar e tal. Gente é carrinho com isopor de comida, mas não é para o cara vender, é para o cara preparar um piquenique dentro da areia e ficar esse horror na praia (INF. 2, 2018).

Nesse sentido, os moradores que têm apartamento no prédio, eles são muito conscientes nesse sentido. Os veranistas. **O problema maior está naquele que vem passar 2 ou 3 dias.** Sabe aquele que encosta aqui e vai passar só aquele dia, e chega de noite ele vai embora. Aí ele chega e põem o carro ali, estaciona ali, joga o lixo do lado e não recolhe (INF. 4, 2018 – GRIFOS NOSSOS).

Assim fica claro como há diferenciação, por parte dos residentes, entre os veranistas, ou aqueles que possuem segunda residência no município, e permanecem em Matinhos por mais tempo que os próprios turistas que utilizam de serviços de hospedagem para permanência no local. Além disso, também parece haver distinção em relação à origem dos visitantes quando estes são procedentes de municípios ou bairros considerados periféricos aos grandes centros urbanos.

## 8.5 DISCUSSÃO

As melhorias nos acessos às praias, e o desenvolvimento acelerado da atividade turística na região, aspectos importantes para a concretização dos espaços turísticos no litoral do Paraná (IPARDES, 2010), criaram um cenário positivo para que migrantes se instalassem em Matinhos, almejando melhores condições de vida e de trabalho. A partir da chegada dos primeiros banhistas na década de 1920 (BIGARELLA, 1999), para atender a demanda turística, Matinhos passou a ser povoada por pessoas oriundas principalmente das regiões norte e nordeste do Estado.

A atividade turística é avaliada de forma crítica por parte dos respondentes e os fatores que contribuem para essas percepções estão relacionados à ausência de atrativos turísticos que ampliem as opções e não permaneça apenas o Turismo de Sol e Praia, tendo em vista que os efeitos negativos dessa segmentação foram citados pelos respondentes.

A partir da ótica dos respondentes em relação aos comportamentos e condutas mais comuns dos turistas pode-se avaliar a partir da classificação de Doxey (1975), que Matinhos assemelha-se a fase III denominada repulsa ou nojo, quando o ponto de saturação está próximo. Cabe aos órgãos públicos realizar o planejamento sistemático da atividade turística a fim de diminuir os impactos sociais negativos.

Segundo Flores e Silva (2001, p. 178) “Existe uma falta de consciência quanto às responsabilidades individuais de cada pessoa com o ‘outro’, com pouca ou nenhuma participação ou respeito pelas normas e condutas locais.” Ou seja, os turistas tendem a não se preocupar com os hábitos e costumes dos residentes, ou simplesmente esses aspectos passam despercebidos, pois aos anseios e desejos pessoais de lazer se sobrepõem. Essa relação possibilita a promoção da invisibilidade dos anseios da população local.

Como atividade econômica o turismo desempenha papel fundamental na promoção dos lugares de fluxo e trânsito intenso de pessoas, o que Augé (1994) denomina como não-lugares. Esses lugares, diferente do lugar antropológico, não auxiliam na concepção de identidade. Conforme citados pelos sujeitos de pesquisa o município de Matinhos teve uma “perda” de identidade local. Fato que pode ser denominado por Canclini (1997) como hibridismo cultural. Ou seja, a identidade cultural de um lugar está fragmentada em identidades culturais diferentes, pois, cada migrante que chegou ao município trouxe em suas malas, seus costumes, seus hábitos, e cultura do lugar de origem.

Apesar de considerarem Matinhos como uma cidade que necessita de melhorias em vários aspectos, não objetiva mudar para outro município. A partir dos relatos em relação ao pertencimento, nota-se claramente que fortes vínculos afetivos foram criados com o lugar. A partir das experiências vivenciadas no município, passaram a sentir-se protagonistas da cultura local. Esse sentimento é denominado por Tuan (1983) como “topofilia”.

Nesse sentido, pode-se concluir que esses sujeitos de pesquisa mantêm grande apreço pelo lugar onde escolheram para morar. Incomodam-se com os comportamentos depreciativos dos turistas e criticam como o turismo é gerido no município. Apesar disso, a ausência de planejamento sistemático da atividade turística na região e os efeitos negativos que essa conduta traz, não influenciaram no desejo de permanecer no lugar onde sentem-se acolhidos e onde mantêm uma qualidade de vida, característica de cidades pequenas e com a proximidade com paisagens naturais, que julgam não obter em outro lugar.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta investigação tornou-se possível analisar a percepção dos residentes do Bairro de Caiobá em relação à forma como o turismo é desempenhado no município. Além de analisar quem são os turistas e visitantes que frequentam a região, seus comportamentos mais comuns sob a ótica da comunidade receptora. Para Barretto (2003, p. 26) analisar essas percepções podem: “Ajudar a entender os processos psicossociais desencadeados pelo fenômeno turístico, as expectativas, desejos, satisfações e frustrações das populações anfitriãs e dos turistas [...]”.

Os resultados obtidos com este trabalho possibilitam a compreensão, dentro da academia, do turismo como fenômeno social e a dinâmica das relações interpessoais que tal atividade promove nos municípios balneários do litoral paranaense, em particular no caso de Matinhos. A partir desses resultados os *steakholrs* e gestores públicos do município e região podem atuar de forma a desenvolver um planejamento estratégico do turismo para que os efeitos da atividade sejam positivos.

Apoiados nas percepções dos atores que vivenciam diariamente as dinâmicas sociais da atividade turística, suas análises em relação à infraestrutura disponível para o desenvolvimento do turismo no município, torna-se mais simples o planejamento das estratégias utilizadas para as alterações sugeridas pelos respondentes.

Em relação ao comportamento negativo dos turistas citados nas entrevistas, o poder público municipal poderá desenvolver planos e campanhas de educação ambiental e patrimonial. Pois, a partir de tais técnicas de informação e comunicação relacionadas às singularidades do município, podem estimular nos visitantes um “novo olhar” para o lugar e também para as comunidades em que residem.

A pesquisa limita-se espacialmente ao Bairro de Caiobá por, tratar-se do balneário mais procurado pelos visitantes em Matinhos, não estendendo as mesmas indagações a todos os 22 balneários do município. Neste sentido, tornam-se necessárias investigações posteriores que tenham como foco a relação entre turistas e residentes, e seus impactos para o turismo, nos sete municípios que compõem a região litorânea do Paraná.

Os residentes dos destinos receptores são atores fundamentais no turismo, pois, atuam desde a recepção dos turistas até o momento em que os mesmos deixam a região e retornam às suas rotinas nos seus locais de origem. Dar ouvidos às suas percepções nos mostra as possibilidades de “cura” do turismo na região.

## 10. REFERÊNCIAS

AMARAL JUNIOR, J. B. C. **O Turismo na periferia do capitalismo: a revelação de um cartão postal**. 650 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=6761](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6761)>. Acesso em: 10/03/2018.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus, 1994.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Coleção Turismo. Campinas: Papyrus, 1999.

BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, [s.l.], v. 9, n. 20, p.15-29, out. 2003.

BARRETTO, Margartia. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. **Turismo em Análise**, Caxias do Sul, v. 15, n. 2, p.133-149, nov. 2004.

BALDISSERA, Luana Maria; BAHL, Miguel. **Turistas e moradores locais: uma reflexão teórica dessa relação**. Caxias do Sul, nov. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade – entrevista a Benedetto Vecchi**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BIGARELLA, João José. **Matinho: homem e terra - reminiscências**. 3.ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2009.

BIGARELLA, João José. **Matinho: homem e terra – reminiscências**. 2. ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1999.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CALLAI, Helena. O estudo do lugar como possibilidade de construção de identidade e pertencimento. **CES**. Coimbra. 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>> Acesso em: 11/01/2018

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. **FFLCH**. São Paulo: 85p. 2007. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>. Acesso em: 11/12/2017.

CHEMIN, Marcelo. **Constituição Fisionômica e Identidade Visual em Espaços de Paisagens: Um Estudo de Caso Múltiplo em Cidades Turísticas do Litoral do Paraná**. 2011. 299 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

CHEMIN, Marcelo; ABRAHÃO, Cinthia Maria de Sena. Integração territorial do litoral do Estado do Paraná (Brasil): transportes, balnearização e patrimonialização na formação dinâmica do espaço turístico. **Ra'e Ga**, Curitiba, v. 32, p.212-239, dez. 2014.

ESTADES, N. P. O Litoral do Paraná: entre a riqueza natural e a pobreza social. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 8, p.25-41, jan. 2003. Semestral. Disponível em: Acesso em: 10/03/2018.

ESTEVES, Claudio Jesus de Oliveira. **Vulnerabilidade socioambiental na área de ocupação contínua do litoral do Paraná – Brasil**. 2011. 353f. Tese (Doutorado) – Curso de Geografia, Espaço, Sociedade e Ambiente, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FILIPPIM, Marcos Luiz. **A Invenção de Uma Tradição Carnavalesca: o carnaval de Matinhos – Paraná (Brasil) sob a perspectiva dos organizadores**. 2015. 191f. Tese (Doutorado) – Curso de Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

FLORES e SILVA, Yolanda. Pobreza violência e crime: conflitos e impactos sociais do turismo sem responsabilidade social. In: BANDUCI JÚNIOR, A; BARRETTO, M. (orgs.). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas, SP: Papirus, 2001, p. 175-196.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada** (1963). 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. @perfil avançado dos municípios, 2010. Disponível em: [http://www.ipardes.go.br/index.php?pg\\_conteudo=1&cod\\_conteudo=30](http://www.ipardes.go.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=30). Acesso em: 21/12/2017.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2001.

LESTINGE, Sandra Regina. **Olhares de educadores ambientais para estudo do meio e pertencimento**. 2004. Dissertação (Doutorado em Recursos Florestais). Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Turismo e cultura caiçara no Litoral Norte Paulista. In: MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal - paradoxo do Iluminismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MTUR – Ministério do turismo. **Turismo de sol e praia: orientações básicas**, 2010. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_public](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_public)

[acoes/Turismo de Sol e Praia Versxo Final IMPRESSxO .pdf](#) Acesso em: 20/01/2018.

PIERRI, Naina et al. A ocupação e uso do solo no litoral paranaense: condicionantes, conflitos e tendências. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 0, n. 13, p.137-167, jan. 2006.

PLEPER, Daniela da Silva. BEHLING, Greici Maia. DOMINGUES, Gabriella. **Pertencimento, patrimônio e meio ambiente: um diálogo necessário para a sustentabilidade**. 2014. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/delos/21/pertencimento.pdf>> Acesso em: 18/11/2017

RIBEIRO, Wagner Costa. **Do lugar ao mundo ou o mundo no lugar?** Terra Livre AGB, n. 11, v. 12, p. 237-242, 1993.

SAMPAIO, Roberto. Ocupação das orlas das praias paranaenses pelo uso balneário. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 13, p.169-186, jan/jun. 2006.

SAMPAIO, Roberto. **Uso balneário, apropriação do espaço e meio ambiente em Pontal do Paraná, Litoral Paranaense**. 2006. 228 f. Tese (Doutorado) - Curso de Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

\_\_\_\_\_. Ocupação das orlas das praias paranaenses pelo uso balneário. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 13, p.169-186, jan/jun. 2006.

SILVA, Alvaro. **A moda de ir à praia começou como recomendação médica: para se livrar de um carrapato, o rei dom João VI inaugurou o costume no Brasil**. 2005. Disponível em: <<http://origin.guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/moda-ir-praia-comecou-como-recomendacao-medica-434014.shtml>>. Acesso em: 31/11/2017

SOUZA, Mauro Wilton. **O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição**. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/68112>> Acesso em: 18/12/2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

URRY, John. **O olhar do turista - lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel, Sesc, 2001.

**APÊNDICE 1 – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS  
ROTEIRO DE ENTREVISTAS**

1. Você nasceu no litoral? (Se sim, qual cidade)
2. [Caso não tenha nascido no litoral] Qual a sua cidade natal (rural, urbana, grande, pequena)?
3. Em que ano veio para Matinhos? Como foi essa vinda/mudança para cá?
4. Pode comentar sua adaptação (moradia, trabalhos adicionais, amigos, família, serviços consumidos)?
5. Você obtém alguma renda a partir da atividade turística? (do que trabalha)?
6. Você desfruta da praia ou outros locais ou espaços de lazer nos períodos de folga? (Se sim, descreva como isso acontece)
7. Você costuma viajar a lazer para outros municípios do litoral do PR?
8. Como você descreve e avalia o turismo em Matinhos? E em? (quem são os visitantes/ estilos/ como se comportam/ o que gostam e não gostam daqui/ o que poderia melhorar)?
9. Você nota diferença nas temporadas de antigamente para as atuais (estrutura, recepção, atrativos)? Você considera as antigas temporadas mais divertidas? [Se sim, descreva].
10. Quais são os comportamentos mais comuns dos turistas nas temporadas (som, lixo, trânsito, educação)? Esses ou outros comportamentos o incomodam?
11. Você já presenciou ou participou de algum conflito entre turistas e residentes?
12. Você se sente pertencente (acolhido) ao lugar onde reside? ou ao lugar de onde veio? Por quê?